

A pesquisa como dádiva: inspirações cearenses

José Machado Pais

Universidade de Lisboa, Portugal

machado.pais@ics.ulisboa.pt

1. Nos braços de Iracema

A primeira vez que aterrei em Fortaleza foi em setembro de 2001, para participar no X Congresso Brasileiro de Sociologia, organizado pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Lembro-me de ter ficado alojado no Praiano Hotel, na avenida Beira Mar, aonde cheguei a meio de uma tarde soalheira. Tomei um duche rápido e logo deixei o hotel para um passeio no calçadão. Olhei o mar, suspirei fundo e, guiado pelo instinto, virei à esquerda sem destino certo. Calcorreadas umas três centenas de metros, começo a ouvir uns acordes de chorinho. O escutar é uma forma de perscrutar a realidade. Sigo atrás de quem me chama. Um cavaquinho, uma flauta, uma guitarra e um pandeiro. Foi assim que se deu o meu primeiro encontro com a Praia de Iracema. O delicioso chorinho viria a encontrá-lo nas cercanias da Ponte Metálica, na esplanada de um charmoso barzinho, o Cais Bar.

Em novembro de 2004 retornaria a Fortaleza, para participar num colóquio organizado pela UFC, em colaboração com a Université Lumière-Lyon 2, sobre *Oralidade, Textualidade e Transformação do Imaginário Social*. No final de uma tarde liberta de compromissos rumei ao Cais Bar para me reencontrar com o pôr-do-sol do chorinho. Perdi-me no meio de destroços e construções abandonadas. Em vez do Cais Bar só encontrei o Pirata Bar. Vim depois a saber que o bar do chorinho, lendário ponto de encontro da boémia alencarina, havia encerrado. Porém, só viria a tomar conhecimento do processo de transformações ocorridas na Praia de Iracema quando tive oportunidade de integrar o júri da tese de doutorado de Roselane Bezerra – *O Bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boémia”* – defendida na UFC, em abril de 2008 e publicada no ano seguinte (BEZERRA, 2009). A discussão de boas teses é uma fonte de aprendizagem para quem as lê. Aprendi muito sobre o bairro de Iracema com a leitura da tese de Roselane: a forma como os habitantes consignavam significados aos lugares que eram palco do transcurso das suas vidas; as apropriações simbólico-expressivas desses lugares, sinalizadas pela renomeação do bairro, de *Praia do Peixe* para *Praia de Iracema*; as estratégias de gestão de conflitos quando proprietários de discotecas que acolhiam prostitutas organizavam forró para idosos, depois de uma reunião com os moradores que termina com um pai-nosso; os protestos dos residentes contra as casas de *show*, embora reivindicassem descontos para nelas entrar... Em trânsito me senti quando comecei a cruzar descobertas naturalísticas do que ia observando com aquelas outras do que ia lendo. Em trânsito me achei num bairro olhado como espaço de trânsitos e junções, como outrora acontecia com as conquistas amorosas das *Coca-Colas*, meninas embeijadas pelo refrigerante norte-americano, mais recentemente viradas para as pizzas italianas.

Sem o chorinho do Cais Bar, profundamente tocado por um sentimento de perda, refugiei-me na obra de José de Alencar, revisitando *Iracema* e outros livros do ilustre escritor cearense, em Fortaleza nascido. Ao reler *O Guarani*, ganho Alencar como aliado de uma ideia que há tempos persigo sobre a possível influência dos ciganos na disseminação do fado pelo Brasil (PAIS, 2012). A hipótese, pioneiramente sustentada por Pinto (1931), de o fado descender do lundum é francamente provável. Porém, tanto Rugendas, Andrew Grant, Gilberto Freyre ou Mário Andrade convergem em uma evidência: sem perder as suas raízes africanas, o *lundum* brasileiro distanciou-se do *lundum* africano pela convivência dos batuques com as violas. Em que braços terão chegado as violas ao Brasil? De portugueses, certamente, mas não só. De ciganos também, a avaliar pela narração de José de Alencar quando, no romance *O Guarani*, nos abre a porta de jacarandá de um casarão colonial, edificado em finais do século XVI. O proprietário do casarão era um fidalgo português, D. António de Mariz, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro. Quando Alencar nos guia aos aposentos do casarão, descobrimos que, numa alcova, sobre uma cómoda, jaz “uma dessas guitarras espanholas que os ciganos introduziram no Brasil quando expulsos de Portugal” (ALENCAR, 1994 [1857], p. 34). Numa nota de rodapé informa-nos ainda que os capitães daquele tempo tinham o costume de “manterem uma banda de aventureiros às suas ordens” (ALENCAR, 1994, p. 34). Esses aventureiros acomodavam-se em círculo, em cabanas à volta da casa colonial. Eram “pobres, desejosos de fazer fortuna rápida, e [...viviam] em parcerias de dez e vinte, para mais facilmente praticarem o contrabando de ouro e pedras preciosas, que iam vender na costa” (ALENCAR, 1994, p. 34). Alencar não afirma que entre esses aventureiros encontrássemos ciganos, apenas nos diz que eram “homens ousados,

destemidos, reunindo ao mesmo tempo aos recursos do homem civilizado a astúcia e agilidade do índio” (ALENCAR, 1994, p. 35). Porém, em uma das mais pormenorizadas descrições da dança do fado oitocentista por terras brasileiras, pela mão de um outro romancista (Almeida, 1990 [1854]), não será por acaso que por lá vemos ciganos e com eles violas, estalos de dedos, sapateado, viravoltas e batimentos de palmas.

Nos braços de Iracema, fiquei enamorado de outros mitos e lendas cearenses, como a lenda da cidade encantada de Jericoacoara, a lenda dos Dragões do Ipu, a lenda da Cabra Cabriola, a lenda da Mula sem Cabeça e muitas mais retratadas na literatura de cordel nordestina. As “guitarras espanholas” que os ciganos introduziram no Brasil, ideia sustentada por José de Alencar, levaram-me a revisitar as concepções míticas do fado, entre as quais surgem as “dez mil guitarras” (RIBEIRO, 1936) encontradas nos despojos da batalha africana de Alcácer-Quibir, corria o ano de 1578, de onde desapareceu El-rei Dom Sebastião, com a promessa de um dia voltar em uma manhã de nevoeiro. No Ceará reencontrei-me com o mito de Dom Sebastião. Diz-se que terá fugido para o Brasil, por onde ainda hoje vagueia nos Lençóis Maranhenses (CASCUDO, 1999 [1954], 168) e nos areais de Cumbe, no Ceará. Vejam-se, a propósito, os relatos de Francisco Freire Alemão de Cisneiros, coligidos a partir da expedição que realizou ao Nordeste do Brasil, a meados do século XIX, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (ALEMÃO, 1964 [1859-1861], 25-27 e 273-278). Porém, enquanto que em Portugal se recordam os gemidos das “dez mil guitarras” da batalha de Alcácer-Quibir, em Cumbe recordam-se os sons misteriosos dos tambores de guerra de Dom Sebastião. Na sua expedição, o botânico Freire Alemão quis ver e ouvir esses tambores que rufavam como “uma caixa de guerra”.

O que não viu não deixou de ouvir e o que ouviu “assemelhava-se ao som do tambor dos pretos no seu candombe” (ALEMÃO, 1964, p. 277).

Os batuques sempre estiveram presentes em folguedos africanos. Depois, nos tempos coloniais, acabariam por ser reprimidos ou banidos. A sua sobrevivência poderá ter contado com o apoio das imaginadas tropas de Dom Sebastião. Quando recentemente me desloquei a Quissamã, a norte do Estado do Rio de Janeiro, para ver e ouvir um fado dançado vindo do tempo dos escravos, também fiquei intrigado com a ausência de batuques. O fado que vi era apenas dançado com sapateado. Outrora, disseram-me alguns fadistas mais velhos, também se usavam tamancos para intensificar a sonoridade do sapateado. Em conversa com Ismael Pordéus, em um dos nossos encontros de Lisboa em companhia de um bacalhau com batatas ao murro, o antropólogo da UFC avançou com uma suspeita. Os tamancos poderiam ter substituído as sonoridades dos batuques. Embarquei na ideia do meu querido amigo cearense e em mais um copo de vinho. Vim depois a comprovar que, como no caso de outras danças fandangadas de má fama, tão perseguidas no Brasil imperial, o fado só poderia sobreviver caso se libertasse dos batuques (PAIS, 2018). Este cenário de trânsitos culturais é apenas um acorde introdutório ao meu “fado acadêmico tropical”, expressão que pilhei da apresentação de Irllys Alencar F. Barreira (2010) a um número temático da *Revista de Ciências Sociais* da UFC (Vol. 41, n.º 2) sobre pesquisas cruzadas entre Brasil e Portugal.

2. Tecendo ideias, aprendizagens e amizades

Num balanço de experiências de ensino e pesquisa com alunos e professores do curso de Ciências Sociais da UFC, eu poderia enfatizar o que de mim supostamente mais terei dado, ao participar em projetos de pesquisa, missões de trabalho e seminários de investigação; ao realizar palestras e reuniões com estudantes; ao integrar bancas examinadoras de teses; ao acolher doutorandos e pós-doutorados da UFC no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (ULisboa), numa vantajosa cooperação para a internacionalização de ambas as instituições. Não desvalorizarei esses contributos. No entanto se, como dizia Jorge Luís Borges, a memória é o nome que damos às grutas do esquecimento obstinado, não posso deixar fugir o que intransigentemente não poderei esquecer. A ideia da pesquisa como dádiva. A riqueza dos saberes compartilhados. Em minha relação com colegas, alunos e participantes de encontros etnográficos, o que mais valorizo é a experiência da pesquisa como dádiva. Por isso mesmo, sigo uma conduta que outros que muito admiro já seguem: ir ensinando o que sei, aprendendo o que não sei, promovendo um saber compartilhado, "um relacionamento de duas mãos, de troca, e não, como é norma, um relacionamento de mão única (MARTINS, 1997, p. 20). Nesse saber compartilhado, no balanço entre o que dei e ganhei, serei bem mais preciso e objetivo ao descrever o que dessa cooperação granjeei ao longo de quase duas décadas. Dei-me no que dei mas o que verdadeiramente dei só pode ser avaliado por quem se deu no que me deu.

No ICS-ULisboa tive o grato prazer de acolher vários professores da UFC, na condição de visitantes, com os quais os labores da pesquisa se entrelaçaram com relações de amizade: César Barreira

(com o projeto *Banditismo social: O Zé do Telhado*); Ismael Pordéus Júnior (*As religiões Afro-Americanas em Portugal*); Irlys Barreira (*Cidades e património numa perspectiva comparada*); Maria Auxiliadora Lemenhe (*Sindicatos e empresários*); Jawdat Abu-El-Haj (*Os dilemas do capitalismo periférico na era da globalização*); Júlia Miranda (*Religião e espaço público*); Sulamita Vieira (*Música popular portuguesa*); Celecina Sales (*Juventude e género: as trilhas dos jovens no campo político cultural*); Maria Sylvia Porto Alegre (*O arte-são colonial: percursos luso-brasileiros*) e Glória Diógenes (*Ciber-afectos em redes: intervenções juvenis na cidade*).

O elo entre criação intelectual e amical esteve também presente no acompanhamento de doutorandos da UFC que contaram com a minha orientação no período de acolhimento institucional no Instituto de Ciências Sociais: Isaurora Martins (com a tese *Os filhos da arte. Trajetórias de jovens de uma Ong que trabalha com arte-educação*); Sávio Cordeiro (*Vivência de velhos, práticas de sociabilidade em grupos de convivência*); Maria Paula Jacinto Cordeiro (*Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*); Camila Holanda Marinho (*Afetos de rua: narrativas amorosas e trajetórias afetivas de jovens que vivem nas ruas*); Igor Monteiro Silva (*O mundo não é tão grande: uma etnografia entre viajantes independentes de longa duração*). O acompanhamento destas teses deu-me ensejo de enriquecer o conhecimento sobre a realidade cearense, acrescido pela leitura e avaliação de outras teses em cujas bancas de doutorado participei: de Roselane Bezerra (com a já citada tese *O Bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boémia”*); Irapuan Peixoto Lima Filho; (*“Em tudo o que eu faço, eu procuro ser muito rock and roll”*: *Rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza*); e Simone de Oliveira de Castro (*Memórias da cantoria: palavra, performance e público*).

Aos poucos fui sentindo uma crescente identificação com a cultura popular cearense. Solicitações de orientação de tese que tivessem por objeto de estudo o Ceará, mesmo vindas de outros Estados brasileiros, criavam-me dificuldades de recusa. Quando Maria Spósito, da USP, me contactou para receber no ICS a doutoranda Flávia Alves de Sousa e logo que soube que o seu projeto de tese (*Juventude e sociabilidade: a experiência dos jovens em uma localidade litorânea*) se centrava em Flexeiras – uma das mais encantadoras praias cearenses que conheci – não pude recusar. O mesmo aconteceu com Alexandre Vieira (*Trajетórias formativas profissionais em música: um estudo de caso com estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza*), orientado por Jussara Souza, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ou ainda Ana Amélia Neri Oliveira, com uma tese sobre quilombolas cearenses (*Práticas Corporais, Cotidiano e Comunidades Quilombolas*), orientada por Dulce Filgueiras, da Universidade de Brasília.

A cooperação entre o Departamento de Ciências Sociais da UFC e o ICS-ULisboa tem contemplado riquíssimas experiências de pesquisa. Não posso deixar de referir o projeto *Globalização, identidades culturais e conflitos sociais*, apoiado entre 2005 e 2007 pelo Programa CAPES-ICCTI/GRICIS/FCT (Cooperação Brasil-Portugal), coordenado por Irllys Barreira e, em Portugal, por mim próprio, com uma ampla equipa de pesquisadores de ambas as instituições. Em 2010, a *Revista de Ciências Sociais* da UFC publicou um número temático (*Brasil/ Portugal: Pesquisas Cruzadas*, Vol. 41, nº 2) dando conta de alguns resultados de pesquisa desse projeto. Como bem salientou Irllys Barreira (2010, p. 05) em sugestiva nota de apresentação da revista, o consórcio possibilitou “resultados expressos em publicações,

participação em bancas examinadoras de teses, missões de trabalho e de pós-doutorado”. A materialização desta cooperação haveria de ter continuidade com a realização, em 2013, do Simpósio “Ciências Sociais Cruzadas”, no ICS-ULisboa, cujas comunicações foram reunidas no volume *Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*, livro publicado pela Imprensa de Ciências Sociais (SILVA *et al*, 2005) – editora que já havia dado acolhimento à publicação de livros de Ismael Pordéus (2009) e Irllys Barreira (2013). *A Análise Social*, revista do ICS-ULisboa, associar-se-ia ao mote das *Ciências Sociais Cruzadas* que, aliás, acabaria por dar nome a um dossiê da revista (nº 222, 2017).

Na UFC participei em vários seminários e congressos, com palestras e comunicações sobre jovens, cultura e vida cotidiana, violência e conflitos, imaginários e representações sociais, metodologias e teorias do cotidiano. As missões de trabalho incluíam reuniões com os estudantes. Recordo um desses encontros, promovido pela Professora Irllys Barreira. Foi em Abril de 2008, numa manhã *bonita pra chover* – e choveu mesmo! Incentivara-me a reunir com alunos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Aceitei o repto com agrado. E mais agradado fiquei quando os ouvi falar com entusiasmo dos seus projetos de pesquisa: das problematizações sociológicas que fundamentavam os objetos de estudo, dos dilemas enfrentados, dos avanços conseguidos, das metodologias usadas, dos questionamentos teóricos e conceptuais que os acompanhavam no decurso das suas pesquisas. Num intervalo para café, no aroma de cuja informalidade seguimos até ao fim da reunião, convidaram-me a escrever o prólogo de um livro que acolheria os trabalhos em discussão.

A leitura do manuscrito foi gratificante ao dar-me ensejo de tomar conhecimento de diferentes cenários de vida de jovens cearenses. As

suas vozes ecoavam nas páginas do livro expressões de uma realidade somente ao alcance de uma sensibilidade analítica que, na realidade, os autores do livro partilhavam. Essas expressões davam conta de *inserções culturais* (“Nós gostamos do que é sub”); *estratégias de sobrevivência* (“Comecei a trabalhar aos oito anos de idade vendendo merenda e picolé”; “Engraxeí sapato, peguei carrego”); *aprendizagens de vida* (“Esta vida me ensinou e continua ensinando”; “Eu sempre tomei meu erro como lição de vida”); *impasses* (“Um cachorro que nem eu vai fazer o quê?”); *desilusões* (“Vi muita cena difícil”); *expectativas* (“As pessoas olham para a gente como um homem e não como um menino velho”); *sentimentos de perda* (“Fiquei olhando pra ele dentro do caixão, esperando que ele piscasse o olho”); *bloqueamentos emotivos* (“A pior coisa que acho é que não consegui chorar”); *utopias irrealizáveis* (“Os sonhos são impossíveis quando o sofrimento de luta pela vida torna-se realidade”)... Relatos de vida que ajudam à compreensão sociológica de trajetórias de vida, estruturas de oportunidades (ausentes, sonhadas ou esbanjadas), futuros prováveis e improváveis, sentimentos de afeto e desafeto. O livro, era o resultado valioso de uma estratégia colaboracionista, envolvendo estudantes da pós-graduação da UFC (BARREIRA e BARREIRA, 2009). Por caminhos diferentes, eles tinham conseguido mostrar que os rumos de vida dos jovens pesquisados não eram determinados, rigidamente, por suas pertenças sociais, mas estas projetavam-se inevitavelmente nesses rumos, ainda que de forma mais ou menos esquiiva, como num jogo de gato e rato.

Para além do muito que aprendi no acompanhamento das dissertações da Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFC, outro regozijo foi seguir o percurso de sucesso de muitos desses orientandos, agora reconhecidos professores e pesquisadores, com obra publicada. Que

alegria saber que algumas das suas teses acabaram por ser publicadas. Recordo, por exemplo, o livro de Paula Cordeiro (2011a), *Entre Chegadas e Partidas: Dinâmicas das Romarias em Juazeiro do Norte*. Num trilho de caminhadas, foi aliciante ver como as jornadas dos romeiros se entrecruzam com os percursos da pesquisa. Não sei como surgiu o objeto de pesquisa, se este foi ao encontro de Paula ou se esta o encontrou por acaso. O certo é que a cidade que a viu nascer e crescer deixou de ser apenas um lugar vivido, passou também a ser um campo concebido. À sua maneira, ela foi uma peregrina, uma viajante de descobertas, uma artesã na arte de potenciar tensões e polarizações, em bem trabalhadas tecelagens analíticas. Tensões entre continuidade e mudança; devoção e diversão; peregrinação e romaria; sagrado e profano; oração e consumo; recolhimento e sociabilidade; devoção e festa; tensões entre *nós*, os moradores, e *eles* os forasteiros; tensões entre distintos tipos de romeiros, turistas e residentes; tensões entre sentidos pejorativos e valorativos da imagem do romeiro; tensões entre o culto oficial e a religiosidade popular; tensões entre o olhar de fora e o olhar de dentro, entre o estranho e o familiar, entre componentes indissociáveis de uma realidade compósita de lugares, eventos, pessoas; tensões entre várias formas de apropriação do Padre Cícero, umas religiosas, outras políticas (NETO, 2009); tensões entre o que Hertz (1970 [1909]) definiu como um *sacré droit* e um *sacré gauche*, um polo de unificação religiosa, outro de segregação; tensões entre as apropriações analíticas das romarias que a tomam como um fenómeno massivo e aquelas outras que procuram recuperar a centralidade do romeiro. Paula Cordeiro usou com mestria essa arte de gerar tensões entre a realidade que se dá a observação e os modos como, sociológica e antropologicamente, ela pode ser captada. Tensões que também se problematizaram em intenções de interpretação suscitadas

pela interrogação. Por exemplo, há romarias sem romeiros? A interrogação é um pretexto para a indagação, um ponto de partida que anuncia uma hipótese de investigação cujo ponto de chegada pode ser a sua negação. Não, não há romarias sem romeiros. E é assim que Paula Cordeiro recupera o romeiro enquanto figura central da romaria, em contracorrente das análises centradas nos processos de turistificação que acabam por desconsiderar os verdadeiros protagonistas das romarias – os romeiros, eles mesmos: de carne e osso, com distintas crenças e devoções, uns chegando a Juazeiro com a cruz da fé, outros com a garrafa de cachaça.

Quando, como bolsreira da Capes, Paula Cordeiro chegou a Lisboa com três pequenos filhos pela mão, não deixei de me interrogar, apreensivo: como é que ela vai ter tempo no meio de tantas responsabilidades familiares? Será mesmo capaz de terminar a tese em prazos aceitáveis? Como o conseguiu não sei. Provavelmente soube transformar os contratempos em estímulos emocionais. Ou então contou com a proteção do Padre Cícero ou o companheirismo de São Sávio. Domingos Sávio Cordeiro, companheiro de Paula Cordeiro, é outro querido amigo cuja trajetória acadêmica tenho acompanhado. Recordo como uma grata dádiva a visita à Universidade Regional do Cariri, a palestra dada, a reunião com alunos de Ciências Sociais, a ida ao santuário do Padre Cícero, a visita às oficinas de muitos artesãos de Juazeiro do Norte, incluindo tipografias de literatura de cordel. Visitas memoráveis, sem esquecer a que realizámos à casa de Patativa do Assaré, um ícone da poesia popular cearense. Sávio Cordeiro também escreveu um livro sobre o Padre Cícero e o mito que à volta dele surgiu. O mito, como nos ensinou G. Durand ao analisar as estruturas antropológicas do imaginário, não é uma realidade facilmente traduzível ou decifrável. Ao ser pousada de imaginários sociais dominados

por crenças que habitam o desejo de entender o mundo ou justificá-lo, não podemos correr o risco de enterrar a razão do mito no mito da razão. Há que saber ouvir os narradores dos mitos, como Sávio tão bem os soube ouvir em seu livro *Os Narradores de Padre Cícero* (Cordeiro, 2011b). Só desse modo é possível descobrir que a realidade do mito se expressa em ritos e narrativas, sinalizações semânticas e símbolos que dão guarida aos seus próprios sentidos. O simbolismo estabiliza a virtualidade do imaginário através da linguagem e da narração. Por isso, o imaginário dos crentes não é uma mera imagem refletida de uma qualquer realidade. É uma criação incessante de imagens que criam e recriam a sua própria realidade.

Depois da visita pedestre ao santuário do Padre Cícero, o livro de Sávio permitiu-me viajar à terra chã das narrativas dos crentes, dos seus sentimentos, das suas trajetórias de vida. Não é fácil passar para o papel a expressão dos sentimentos que enchem de sentido a vida dos crentes. Aliás, quando alguém escreve sobre sentimentos fica sempre aquém do que pretende dizer. Não por acaso, Jean-Paul Sartre (em *Les Carnets de la Drôle de Guerre*) defendia que logo que um escritor decide escrever sobre o que sente, tudo o que sente já só o sente pela metade, ocupado que está em definir e pensar o que sente. Por isso Sartre confessava não ser autêntico, já que não passava de um mero transmissor de sentimentos. Estava a ser autêntico quando afirmava não o ser. Sávio ultrapassou esse dilema quando em seu livro decidiu dar guarida aos sentimentos dos crentes em viva voz, concedendo-lhes a possibilidade de falarem livremente do que sentiam, sem deixar escapar corruptelas, termos regionais e expressões locais à sombra de cujos significados me fui socializando. Num breve prefácio ao livro, deixava a Sávio o meu prognóstico: *Móia* de gente vai ler seu livro e dele *tomar gosto*. E dirigindo-me aos potenciais leitores: *num* precisa

mais de meu falar, meus *conseio* pode deixar que eu vou *eguar*, tomar um café ou *aluar*.

Voltando a Paula Cordeiro, sei que é descendente de romeiros e que antes de enveredar pela vida acadêmica se dedicava ao artesanato. De certo modo cumpriu o destino traçado por Padre Cícero que nos versos sábios de Zé Mutuca nos mostra como a cidade de Juazeiro se foi construindo: “O tempo que padim ciço/ Viveu aqui em Juazeiro/ Dizia sempre aos romeiros/ Aprendam qualquer ofício/ [...] Façam boneca de pano/ Alguns sejam sapateiro/ Na arte de espingardeiro/ Um faz feixo outro faz cano/ Ensine também ao mano/ Pra que ninguém se cative/ Homem trabalha de ourive/ Mulher borda e costura/ Quem souber faça escutura/ Trabalhando é que se vive”. Não sei se Paula Cordeiro ainda se dá às artes de fazer bonecas de pano, mas tenho a certeza que não deixou de ser artesã. Ela abraçou as artes de um outro ofício: o da pesquisa sociológica. Por tudo isso e muito mais, aqui fica a minha singela homenagem a uma digna representante de todas essas valiosas mulheres cearenses que, apesar de suas responsabilidades familiares, abraçaram, com sucesso, o desafio da produção artesanal. A sua orientadora, é sabido, foi a Professora Irllys Barreira, notável cultora da prática artesanal de pesquisa, socióloga com uma enorme criatividade e sensibilidade analítica. Não foi certamente por acaso que, na qualidade de presidenta da Sociedade Brasileira de Sociologia, quando lançou a *Revista Brasileira de Sociologia* escolheu para os seus dois primeiros volumes a temática da sociologia como artesanato intelectual.

3. Repentes e cantorias

No ano em que pela primeira vez aterrei em Fortaleza (2001), recebia uma aliciante proposta do Chapitô, instituição cultural sediada em Lisboa, liderada por uma mulher-palhaço, Teresa Ricou. O desafio era o de realizar no ICS-ULisboa, um colóquio sobre sonoridades afro-luso-brasileiras. Por falta de tempo e de verbas, hesitei em assumir tamanha responsabilidade, mas lá acabei por aceitar o repto, com posteriores assomos de arrependimento. Já em Fortaleza, tomando uma água de coco e ensimesmado pelo desânimo de um possível *desaire* do colóquio, fui abordado por Françaú¹, um repentista cearense que terá herdado o nome de um sacerdote francês, não sei se por dele ter recebido o batismo ou dele ser descendente. Começámos a falar e logo Françaú profetizou: “Tu leva para Lisboa/ o verso do Françaú/ Porque Jesus continua/ Sempre a ti a *abençoá*”. Por proteção de Jesus ou devoção do Françaú, o certo é que quando retornei a Lisboa todos os entraves à organização do Congresso se haviam dissipado, tendo o mesmo terminado com uma inesquecível *jam session* no Chapitô, com a participação de violas caipiras, djambés, instrumentos de sopro e a inconfundível voz da fadista Marisa (PAIS *et al.*, 2004).

Sei que a morte nos levou Françaú, ao ser recentemente colhido por uma motocicleta quando se dirigia à praia do Cumbuco, com a sua sacola de cordéis. Em meu diário de campo guardo ainda alguns versos do Françaú: “Eu vou pedir a Jesus/ O autor da criação/ Para proteger o Português/ Aqui no nosso torrão/ Tou vendo que ele tem/ Na vida uma missão/ Eu já vi que tu carrega/ O amor no coração”. Com tamanha responsabilidade não posso desiludir Françaú... Dário Cotrim, colunista de *O Norte de Minas*, dizia que há duas maneiras de

1. Do francês, François. Vivendo perto de Cumbuco, França Gonçalves Cruz assina alguns cordéis com o nome Françaú.

conhecer o Nordeste brasileiro: fazendo turismo ou lendo literatura de cordel dos poetas da região. Com os repentistas do Nordeste brasileiro não aprendi apenas a conhecer melhor o Brasil. Aprendi a olhar o mundo de uma maneira diferente, aprendi a olhá-lo com os olhos de quem o vive. Olhar a realidade através do olhar dos outros permite-nos alargar os horizontes de interpretação. Porquê? Porque deixamos de questionar o que apenas pressupomos.

Françua foi para mim um sábio professor de uma disciplina que poderíamos exaltar dando-lhe um nome presunçoso. Por exemplo, Epistemologia da Criatividade. Com toda a sua simpatia e simplicidade, ele explicou-me como o improvisado, o instantâneo, o detalhe e o consciente são notas compósitas de uma criatividade melódica, o repente: “O repente é instantâneo/ É o que se faz avexado²/ No meio do povo estranho/ Veja o meu detalhado/ Uso o meu consciente/ Saiba que o repente/ Ele é improvisado”. As experiências cotidianas, tão vivamente relatadas na literatura de cordel, constituem uma fonte de aprendizagem do mundo da vida. Enquanto cientistas sociais, temos de saber enfrentar esse desafio, o de explorarmos as minudências da vida social, as potencialidades interpretativas de aspetos aparentemente anódinos da vida cotidiana que nos podem dar pistas sobre dinâmicas e processos sociais. Como sustentou Edward Gibbon (1906) em *The Decline and Fall of the Roman Empire*, obra publicada no terceiro quartel do século XVIII, o patético quase sempre está no pormenor das circunstâncias miúdas, nos detalhes a que Françua se referia.

2. No meu bloco de notas anotei *avessado*, termo que me seduziu por o ver associado a uma boa estratégia metodológica, olhar o avesso das realidades para melhor as compreendermos. Tenho usado com proveito esta estratégia quando miro e remiro achados exóticos (comportamentais) para lhes achar os avessos endócticos (sociais). No entanto, penso que Françua se referia a *avexado*, termo corrente no nordeste brasileiro. Neste outro sentido, o termo significa: rápido, apressado, inquieto, instantâneo, significados que remetem para a criatividade repentista.

Tenho uma dívida de gratidão para com os repentistas cearenses, pelas aprendizagens que me proporcionaram através dos seus cantares, provérbios e ditos chistosos. No Ceará descobri que o desprezo em relação à literatura oral e de cordel não é de mera ordem literária (SARAIVA, 1980)³. É uma desatenção à criatividade da cultura popular. Pena que a tradição das cantorias e histórias do romanceiro português se tenha perdido no torrão luso. Felizmente que a encontrei no Nordeste brasileiro. A literatura de cordel tem sido uma preciosa fonte documental de minhas pesquisas.⁴ Tomando de empréstimo a terminologia das memórias da xilogravura que me chegaram pela mão amiga de Gilmar de Carvalho (2010, p. 9), diria que as ideias gravadas nos textos que vou escrevendo resultam também de “tipos móveis” que, num jogo de “cata-cata”, vou tentando articular. Ideias embrulhadas em palavras. Palavras enfileiradas em frases. Frases flutuadas por ideias. Eis-me habitado por essa inspiradora lira nordestina, casa de palavras cantadas, de palavras recitadas, de palavras que acenam às imagens para melhor poderem ser imaginadas.

Em minha produção académica existem significativas inspirações cearenses, fruto da admiração que tenho pelas manifestações criativas de cultura popular do Nordeste brasileiro, também nas artes de musicar e improvisar (PAIS, 2009). Sempre que no ICS-ULisboa recebo

3. Arnaldo Saraiva, *Literatura Marginalizada*. Novos Ensaios. Lisboa, Editorial Presença, 1980.

4. Veja-se, por exemplo, as achegas cordelistas em meu livro *Enredos Sexuais, tradição e mudança: as mães, os zecas e as sedutoras de além-mar* (PAIS, 2016). Nas referências bibliográficas encontramos contributos de José Ribamar Alves (*Quebra de Silêncio*); Abraão Batista (*Ana Paula, a jovem que se rifou para ir morar em São Paulo; A Portuguesa que Cozinhou os Peitos da Escrava Negra e os Deu para o Marido Comer*); José Francisco Borges (*A Chegada da Prostituta no Céu*); João Bandeira de Caldas (*Nos Caminhos do Sertão*); José Furtado Carvalho de (*O Monstro do Lago Ness e o Burro do Português*); Franklin Machado (*O Japonês que Ficou Roxo pela Mulata*); António Alves da Silva (*A Moda do Silicone na Mulher Brasileira*) e Davi Teixeira Silva (*A Bunda Vendedora*).

pesquisadores visitantes com dotes artísticos, não perco a oportunidade de agilizar a difusão e fruição da cultura brasileira. Recordo um extraordinário concerto dado por Ivan Vilela, um dos mais consagrados violeiros de música caipira do Brasil; ou o seminário musicado de Pedro Abib – o *Pedrão* – com os seus cativantes sambas de botequim; ou o concerto *Café com Pão*, de Marilda Santanna, dando-nos a saborear melodias com as quais se cruzou no seu percurso de pesquisa, como o *fado sidonim* da revista *Bola de Sabão*, ou um lundum baiano cantado por Pepa Ruiz na revista *Tim Tim por Tim Tim*; ou os encantadores monólogos cantantes de Numa Ciro, trazendo-nos uma realidade bem viva do Nordeste brasileiro, reavivada em reminiscências de um passado compartilhado, onde se entrecruzam influências africanas, indígenas, jesuíticas e arábico-ibéricas, matriz em que se filiavam, em Portugal, os jograis e madrigais, as músicas ambulantes de cegos e os fados de rua.

Em junho de 2014 convidei um cordelista nordestino, Franklin Maxado, a animar no ICS um seminário sobre o Repente, dando-lhe também ensejo para falar do seu livro “*O que é cordel na Literatura Popular*” (MAXADO, 2012). Como estávamos em vésperas do mundial de futebol que se realizou no Brasil, Maxado apresentou-nos o seu folheto “*Portugal nas mãos de Deus, nos pés de Cristiano e pares e nos braços do Zé Povinho*”. Antes tinha-me pedido para prefaciá-lo, ao que correspondi com uma sextilha de pé-quebrado: “Nosso Franklin Maxado/ De coração nordestino/ É cordelista afamado/ Chuta palpites com tino/ O samba vai virar fado/ Fadado pelo destino”. Nada correu bem para a canarinha e os verde-rubros, mas a sessão do ICS, consagrada ao repente nordestino, acabaria por fechar com uma animada oficina de aprendizagem de forró, tendo por monitores os bolsheiros brasileiros visitantes. Igor Monteiro, então douto-

rando “sanduíche” do ICS, presentemente professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), selecionou os forrós, dando-me ainda uma preciosa mão na preparação da caipirinha, chamada também à animação do convívio.

Infelizmente, nem mesmo com a oficina de forró consegui acertar com o compasso da dança. Não esqueço os risos que provoquei quando, em uma *gafieira* do Rio de Janeiro, ensaiei os meus primeiros passos de forró. Na verdade, como pé-de-elefante que sou, limitei-me a reproduzir os passos elementares que esquematicamente me haviam ensinado: dois para a esquerda, dois para a direita. Mas toda a minha boa vontade não impediu que me cobrassem a forma *quadrada* como dançava. Só muito depois descobri que o forró entrecruza movimentos fixos (dois para a esquerda, dois para a direita) com movimentos variáveis que não se circunscrevem ao chamado *arrasta-pé*. Foi quando me incitaram: *solta os quadris!* Apercebi-me então que a alma do forró não está apenas nos pés, mas no jeito de mover o corpo, ou melhor, na harmonia dos corpos dançantes, nos seus movimentos melódicos e rítmicos que tipificam diferentes géneros: “*bate-cocha*”, “*rala-bucho*”, “*pela-ovo*” ...

No entanto, a primeira vez que assisti à dança de forró não foi no Rio, nem sequer no *Pirata* de Fortaleza, mas em São Paulo, mais precisamente no restaurante Andrade, especializado em gastronomia nordestina. Foi a convite de um grupo de professores da PUC-SP e do editor José Cortez, um nordestino de gema, assíduo frequentador do forró do Andrade. Foi aí que comecei a apreciar a harmonia dos passos de dança. Vim depois a descobrir que a paixão de José Cortez pelo forró e pela literatura de cordel – que a sua própria editora divulga com apreço – é apenas um exemplo da ressonância que a cultura nordestina tem nas regiões de destino dos seus imigrantes. No

terceiro quartel do século XIX, muitos deles chegavam a São Paulo, acompanhados de suas violas, em busca de melhores condições de vida (WEFFORT, 1988). Era vê-los nos bares e botequins que ladeavam a estação rodoviária lançando os seus repentes em troca de alguns cruzeiros ou comida. No entanto, a viola de origens rurais era frequentemente olhada com preconceito, vista como um instrumento de gente da roça. Tomados ora como *sacerdotes* ora como *vagabundos* (BRANDÃO, 1981), os violeiros eram frequentemente perseguidos pela polícia, embora fossem protegidos pelos proprietários dos botequins. Quando as rusgas policiais se aproximavam, escondiam-se as violas enquanto os violeiros se agarravam às vassouras para varrer o chão como se fossem serventes (NOVAIS, 1988, p. 62).

4. Atando tramas: trânsitos e dádivas

Ana Amélia Neri, presentemente a desenvolver uma tese de doutorado sobre quilombolas cearenses, ofertou-me recentemente uma família de nêgas de pano da Comunidade Quilombola de Alto Alegre, na região metropolitana de Fortaleza. As nêgas de pano e um negão que as acompanha passaram a morar em minha casa, são minha família de adoção. Admiro as mãos das artesãs que dão vida àquelas nêgas de pano reciclado, todas elas muito mais belas do que as sofisticadas *barbies*, inexpressivas em sua artificialidade. A forma como trapos velhos dão vida a novos seres decorre de uma lógica criativa que se encontra em grande parte da produção artesanal. As composições e harmonias nas cores e pedaços de tecido reciclado incorporam elaborações estéticas que seguem uma metodologia de *collage* semelhante às tramas da criatividade na produção artesanal da sociologia (PAIS, 2014).

Não espanta o entusiasmo com que recebi o convite de Irllys Barreira para dar um contributo ao número temático da *Revista Brasileira de Sociologia* sobre “Modos de pensar: a Sociologia como artesanato intelectual.” Logo me ocorreu estabelecer um paralelo entre a prática artesanal de pesquisa sociológica e os *segredos de almofada* das rendeiras de bilros (PAIS, 2013). Em ambos os casos, as experiências da vida cotidiana suscitam tramas de criatividade. Entre as rendeiras os padrões trabalhados expressam realidades da natureza observada (*renda pé de coelho, bico da baratinha, renda de coentro, rabo de pavão, entremeios de jiboia, renda céu estrelado*) e de sentimentos de vida (*renda do amor despedaçado, do coração desconstruído, renda da esposa ou lembre-se de mim*). As rendas não são apenas entrançamentos de fios de algodão ou de linho, são também junções de fios de vida tecidos na urdidura da experiência. Também na prática artesanal de pesquisa se reivindica uma sensibilidade sociológica que valorize as experiências mundanas da vida cotidiana. No Nordeste brasileiro, enchidas com estopa ou palha de bananeira, as almofadas têm os chamados *ouvidos*, onde quase tudo se arrecada: bilros excedentes, linhas, tesoura etc. Na Sociologia como produção artesanal, os *ouvidos* das nossas almofadas de trabalho são baús onde se guardam todas as informações pertinentes para a decifração do que se pretende interpretar: registos de rumores, fofocas, entrevistas, observações, para além de documentos pessoais, fotografias etc.

Uma das boas experiências que retenho da colaboração com colegas e estudantes das Ciências Sociais da UFC é a prática de dar ouvidos ao que os ouvidos de outros vão guardando em suas almofadas de pesquisa. Estou a falar de experiências gratificantes pelo espírito de interajuda que materializam. Por um exemplo, uma vez tinha em curso uma pesquisa sobre o significado simbólico dos apelidos que

circulam entre jovens portugueses do ensino secundário. A dado momento pensei que poderia ser interessante replicar o estudo no Brasil, de modo a poder contrastar resultados, na base de possíveis diferenças culturais. Falei do assunto a Isaurora Martins, professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que com muito gosto recebi no ICS-ULisboa quando preparava o seu doutorado e, posteriormente, já como doutorada. Logo me sugeriu o nome de Pedrita Viana, então finalista do curso de Ciências Sociais da UFC. Pedrita fez um excelente trabalho na inventariação dos apelidos que recolheu em escolas de Fortaleza e periferia. A ela lhe devo preciosos ensinamentos sobre a gíria cearense que eu não conseguia descodificar em alguns dos apelidos recenseados. Aliás, os apelidos físicos ou anatómicos que circulavam entre os jovens brasileiros arrastavam um traço de distintividade em relação aos dos jovens portugueses. Eram apelidos inspirados por realidades ambientais, principalmente da fauna e da flora, que eu nem sempre reconhecia. Uns eram bem aceites pelos jovens que os portavam: Cabelo de Cuia (por a cabeça parecer uma cabaça de chimarrão); Mulher Quiabo (por ser magra demais); Chagas (por ter contraído a doença de Chagas); Mané Mago (por ser muito magro); Cara de Morcego (por ter orelhas grandes); Boneco de Olinda (por ser muito alto). Outros provocam rejeição ou desconforto: Sapo-Boi (largo que nem boi e baixo que nem um sapo); Esqueleto do Amazonas (muito magra); Cuscuzeira (gorda com pernas finas); Panelada de Babalu (por ser gorda) (PAIS, 2018).

Um outro vibrante exemplo de pesquisa colaborativa surgiu com a passagem de Glória Diógenes pelo ICS-ULisboa. Para além de ter lançado a Rede de Pesquisa Luso-brasileira em Artes e Intervenções Urbanas, criou um blog (*Antropologizando: Arte Urbana e Graffiti em Lisboa*) onde, como a própria sustenta, o terreno de pesquisa “mo-

biliza em torno de si e para mais além, reflexões, encontros, experimentações e valiosos pontos de intercessão”. Recupero, aqui, uma mensagem de incentivo que lhe deixei:

Olá, Glória. Acho que está seguindo um trilha original. A sua ideia de construir conhecimento a partir de “diálogos em rede” é um desafio apaixonante. Em boa verdade, quando usamos diários de campo, o que vem a público são passagens selecionadas que (criteriosamente!) fazemos saltar do bloco de notas para algum texto a publicar. O que se publica é o que se seleciona e o que se seleciona é o que se pensa ser mais relevante (quase nunca se explicitando os critérios de seleção...). Enfim, perde-se esse riquíssimo acervo de informação constituído por encontros inusitados, pensamentos soltos e rebeldes, dúvidas e perplexidades, interrogações das quais se desprendem múltiplas hipóteses de investigação que ora nos acompanham na caminhada de pesquisa ora vão ficando pelo caminho. Neste sentido, a sua ideia do *blog* (*Antropologizzando*), constituindo uma inovadora proposta metodológica, tem também implicações pedagógicas. Sua metodologia mostra que a pesquisa é feita de encontros e desencontros, avanços e recuos; que um passo atrás pode significar dois em frente; que o impasse é frequentemente uma liminaridade originada por fugas ao que se pressupõe e que, na realidade, acabam por entreabrir portas a uma passagem (para novos conhecimentos) feita de descobertas (novos saberes).

Que sorte ter encontrado essa figura tão original que é o *Tinta Crua* [graffiter]! Mas em boa verdade, em contextos de pesquisa a sorte não acontece por acaso, mesmo quando tropeçamos casualmente com ela. Os achados *serendipity*, como Merton gostava de os designar, acontecem quando o achador revela uma apetência de busca, uma capacidade para se surpreender com o que vai encontrando de forma inesperada. A forma como *Tinta Crua* se refere à sua arte – “as minhas figuras” – é reveladora de como o artista se projeta na sua obra, principalmente ao reconhecer que ideias e sentimentos seus aparecem camuflados em seus desenhos como “desabafos” dos “fantasmas” que o “assombram”. Bem me apetecia levar o *Tinta Crua* a Salvador, para o Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia. O tema do mesmo, como sabe, é “A Sociologia como forma de Artesanato Intelectual”. Tenho relido Wright Mills e Richard Sennett

sobre o sentido do trabalho artesanal e também tenho acompanhado, recentemente, o trabalho de alguns artesãos. O que tenho descoberto é que o trabalho de um artesão é um diálogo constante com as suas experiências e trajetória de vida. Aliás, a vida é um gerúndio, muito mais que um participio: um *faciendum* muito mais que um *factum*, uma existência profundamente ancorada a experiências sensíveis ou assimiladas. É isso mesmo que encontro em *Tinta Crua*. Desde logo ao rejeitar a produção em série, reivindicando procedimentos de trabalho que são próprios da produção artesanal. Espero que esta sua aventura nos regale muitas descobertas! Não tenho dúvidas que é o que vai acontecer. Um abraço.⁵

A imaginação sociológica é frequentemente suscitada por um conhecimento informal e partilhado, onde a dimensão sociabilística não está ausente. Lembro as incursões etnográficas que realizei por Trás-os-Montes, norte de Portugal, em companhia de Ismael Pordéus e Roselane Bezerra. Por lá andava a pesquisar o movimento das mães de Bragança que se haviam organizado para expulsar da cidade as trabalhadoras de sexo brasileiras, acusadas de encantarem os seus maridos com macumbas, feitiços e um misterioso chá de amarração (PAIS, 2010). Quando os convidei para me acompanharem no trabalho de campo, aceitaram com agrado. Viagem atribulada, pois tivemos de abandonar estradas cortadas ao trânsito por um intenso nevão. Por várias vezes corremos o risco de atolar o carro numa imensidão e neve cuja espessura não nos deixava enxergar as bermas da estrada. Sempre recordarei a companhia amiga e o enorme apoio me deram no trabalho de campo que, para além de Bragança, se estendeu a Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Podence e Vinhais, onde confraternizámos com caretos e outros diabos à solta. Roselane, chegou a colaborar na realização de algumas entrevistas a trabalhadoras de sexo. Ismael

5. Post datado de 8 de abril de 2013, inserido no blog de Glória Diógenes “Antropologizzando”. Disponível em: <http://antropologizzando.blogspot.com>. Acesso em 17 agosto 2018.

Pordéus, de máquina fotográfica a tiracolo, não deixava escapar fragmentos da realidade cujos registos a sua sensibilidade antropológica exigia.

Um dia, quando tinha acabado de entrevistar o proprietário de uma das mais afamadas casas de striptease de Bragança, fiquei eufórico com uma descoberta. O meu entrevistado, um entendido da noite que no entanto se encontrava em prisão domiciliária, acabara de me revelar o nome do misterioso chá de amarração. Queria de imediato partilhar o achado com os meus companheiros de viagem e logo acelerei o passo para o ponto de encontro combinado. Quando lhes revelei o nome do chá arregalaram os olhos e, levando ambos a mão à boca, sustiveram uma gargalhada. Roselane, assomada de pânico, advertiu-me: “Oi, Machado! Você não vai falar disso, não! Viu?! Por favor, Machado!”. Ismael, buscando argumentos mais convincentes de dissuasão, advertiu-me que numa universidade brasileira, um estudante que fizera uso do termo numa tese de mestrado tinha sido convidado a eliminá-lo, sob pena de ele próprio poder vir a ser reprovado por ofensa à dignidade dos membros do júri. Liberta do termo incómodo, a tese saiu incólume do embaraço, supostamente aprovada com distinção e louvor. Apesar de em *Casa-Grande & Senzala* Gilberto Freyre (1995 [1933], p. 251) sustentar que “a maior delícia do brasileiro é conversar safadeza”, tudo tem os seus limites. Acontece que a palavra que lavra mistério, de uso tão problemático no Brasil, é em Portugal uma palavra desusada e inócua, tendo o mesmo significado com que Machado de Assis a usou em *Dom Casmurro*, o de uma simples caixa. Fiquei, no entanto, com um dilema ético em relação ao desvelamento do nome do chá, o que me obrigou a uma profunda reflexão sobre a circulação dos palavrões (PAIS; 2015). Não fossem as gargalhadas sustidas de Roselane e Ismael Pordéus e nunca me passariam

pela cabeça tão oportunas derivações. Ainda pelo norte de Portugal, não esqueço as expedições sociológicas realizadas em companhia de Irllys e César Barreira, oportunidade para, em ambiente descontraído, fazermos fluir ideias sobre os projetos em andamento, entre os quais o do banditismo social que em Portugal teve *O Zé do Telhado* como alvo de pesquisa, um bom malandro, “herói popular” cuja trajetória de vida foi meticulosamente seguida por César Barreira (2010), *pari passu*, de Penafiel a Malange (Angola). Um estudo de caso que poderia ser tomado como um caso de estudo nas artes de bem pesquisar.

Os processos criativos germinam com mais facilidade em espaços abertos e colaborativos, onde se trocam experiências, conhecimentos, dúvidas e modos de as enfrentar. O desenvolvimento de estratégias cooperantes, onde se joga a criatividade numa base comunicativa de ideias e saberes, tem implicações. Se somos o que fazemos para mudar o que somos, quando o fazer é uma produção compartilhada a mudança resultante é de natureza sociocêntrica. Esta dádiva coletiva é o que mais reconhecidamente guardo das experiências de ensino e pesquisa que tenho tido com professores e doutorandos da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFC, sem esquecer as ricas aprendizagens com artesãos, poetas e repentistas cearenses, fonte de inspiração de muitas das minhas pesquisas. Quando recentemente fui convidado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência de Portugal a integrar o grupo de peritos da Agenda de Investigação e Inovação (I&I) na área da *Cultura e Património Cultural* não pude deixar de pensar nas ricas experiências de intercâmbio científico e cultural que tenho tido no Brasil, desde logo com a UFC. Baseado nessas experiências, e embora reconhecendo a pertinência das pesquisas em torno das identidades e memórias culturais, propus o tópico dos trânsitos culturais como um dos que deve-

riam ser privilegiados em futuras agendas de pesquisa, proposta que acabou por reunir consenso. Penso que futuramente se assistirá a uma crescente problematização teórica dos trânsitos culturais, com um possível reagendamento das pesquisas em direção a estruturas étnicas e conexões transnacionais; processos de produção, mobilização e circulação da cultura; património alimentar e trajetos geográfico-sociais; ou migrações, transnacionalismo e cosmopolitismo.

Por outro lado, do ponto de vista teórico e metodológico, as armadilhas metodológicas do presentismo, reconhecidas pelos próprios defensores dos *live methods*, lançam o desafio de nos livrarmos do aprisionamento ao tempo curto, daquele tempo que tende a reificar e a essencializar a cultura, imobilizando-a no aqui e agora. Nessa medida há que desenvolver e consolidar paradigmas de conhecimento que permitam analisar a cultura nas engrenagens do tempo histórico. Neste domínio, há questões inda não suficientemente pesquisadas. Por exemplo, de que forma os trânsitos culturais reconstróem as identidades quando supostas unidades identitárias são permeáveis e sobrelevadas pela diferença e disjunção? Como se reinventam as memórias culturais em processos de transculturação? Que outras configurações assumirão os trânsitos culturais e como é que nelas se jogarão memórias e identidades mutáveis, fragmentadas, eletivas e plurais, como é próprio da contemporaneidade? Não se podendo subvalorizar o jogo memorial e identitário, os trânsitos culturais não devem ser desconsiderados em futuras agendas de pesquisa. A esta conclusão cheguei depois das ricas experiências de intercâmbio científico que tenho tido com professores e estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, experiências de pesquisa que as tomo como uma dádiva.

Referências

ALEMÃO, Freire. Manuscritos. *In: Os manuscritos do Botânico Freire Alemão*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, vol. 81, Divisão de Publicações e Divulgação, 1964. Disponível em: memoria.bn.br. Acesso em 16 agosto 2018.

ALENCAR, José de. *O Guarani*. Coimbra: Almedina, 1994 [1857].

ALMEIDA, Manuel António de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Ática, 1990 [1854].

BARREIRA, César. Banditismo e práticas culturais: a construção de uma justiça popular, *Revista de Ciências Sociais*, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, volume 41, número 2, 2010, p. 73-82, 2010. Disponível em: www.periodicos.ufc.br. Acesso em 17 agosto 2018.

BARREIRA Irllys. *A Cidade Como Narrativa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

BARREIRA, Irllys Alencar F. Trocas culturais e intercâmbios de pesquisa: um fado acadêmico tropical, *Revista de Ciências Sociais*, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, volume 41, número 2, 2010, p. 5-8. Disponível em: www.periodicos.ufc.br. Acesso em 16 agosto 2018.

BARREIRA, Irllys e César Barreira (Org.). *A Juventude e suas Expressões Culturais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BEZERRA, Roselane, *O Bairro da Praia de Iracema entre o “Adeus” e a “Boemia”: usos e abusos num espaço urbano*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARVALHO, Gilmar de. *Memórias da Xilogravura*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Edouro, 1999 [1954].

CORDEIRO, Paula. *Entre Chegadas e Partidas: Dinâmicas das Romarias*

em *Juazeiro do Norte*. Fortaleza: IMEPH, 2011a.

CORDEIRO, Domingos Sávio. *Narradores do Padre Cícero: muito mais a contar*. Fortaleza: Expressão, 2011b.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1995 [1933].

GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. In BURY, J.B. (Ed.), com uma Introdução de LECKY, W. E. H. (Nova Iorque: Fred de Fau and Co., 1906), em 12 volumes. Disponível em: oll.libertyfund.org. Acesso em 16 agosto 2018.

HERTZ, Robert. La prééminence de la main droite. In *Sociologie religieuse et folklore*. Paris: PUF, 1970 [1909].

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A Degradação do Outro nos Confinos do Humano*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

MAXADO, Franklin. *O que é cordel na Literatura Popular*. Rio Grande do Norte: Queima Bucha, 2012.

NETO, Lira. *Padre Cícero. Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAIS, José Machado. Fados do fado: enredos, cronotopos e trânsitos culturais, *Etnográfica*, vol. 22 (1) | 2018, 219-235. Disponível em: journals.openedition.org. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado. A Simbologia dos Apelidos na Vida Cotidiana Escolar, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 909-928, jul./set. 2018. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado. Das nomeações às representações: os palavrões numa interpretação inspirada por H. Lefebvre, *Etnográfica*, vol. 19 (2), 2015, p. 267-289. Disponível em: etnografica.revues.org. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado. *Enredos Sexuais, tradição e mudança: as mães, os ze-cas e as sedutoras de além-mar*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

PAIS, José Machado. As tramas da criatividade na produção artesanal da sociologia. In BLASS, Leila Maria da Silva (organizadora), *Imaterial e Construção dos Saberes*. São Paulo: EDUC, 2014, p. 45-66.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa, *Revista Brasileira de Sociologia*, Sociedade Brasileira de Sociologia, v. 1, n. 1, Janeiro-Julho de 2013, p. 107-128. Disponível em: www.sbsociologia.com.br. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado. O Fado dançado do Brasil: trânsitos culturais, *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n1 Janeiro/Março de 2012, p. 6- 21. Disponível em: www.revistas.ufg.br. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado. Desejadas e amaldicionadas: o extermínio das ‘meninas’. In BARREIRA, César, SÁ, Leonardo e AQUINO, Jânia Perla de (Orgs.), *Violência e Dilemas Civilizatórios: as Práticas de Punição e Extermínio*. Campinas: Pontes Editores, 2011, pp-13-30.

PAIS, José Machado. *Mães de Bragança e feitiços: enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade*”, *Revista de Ciências Sociais*, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, volume 41, número 2, 2010, p. 9-23. Disponível em: www.periodicos.ufc.br. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado. Artes de musicar e de improvisar na cultura popular, *Cadernos de Pesquisa*, volume 39, nº 138, Setembro/Dezembro de 2009, p. 747-773. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 16 agosto 2018.

PAIS, José Machado, BRITO, Joaquim Pais e CARVALHO, Mário Vieira de, (Coord.). *Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

PINTO, Manoel de Sousa. O Lundum Avô do Fado, *Ilustração*, Novembro de 1931.

PORDÉUS JR., Ismael. *Portugal em Transe Transnacionalização das religiões afro-brasileiras: conversão e performances*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

RIBEIRO, Mário de Sampayo. *As “Guitarras de Alcácer” e a “Guitarra Portuguesa”*. *Achegas para a História da Música em Portugal*, volume 4. Lisboa: Bertrand, 1936.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura Marginalizada. Novos Ensaios*. Lisboa, Editorial Presença, 1980.

SILVA, Isabel Corrêa da et al (coord.). *Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

WEFFORT, Francisco Correa. *Nordestinos em São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1988.

Resumo:

Experiências de ensino e pesquisa, no domínio das ciências sociais, são convocadas para um balanço de intercâmbio interuniversitário luso-brasileiro, no transcurso de cerca de duas décadas. A pesquisa como dádiva, baseada em estratégias colaborativas de reciprocidade, surge como corolário desse intercâmbio. O autor do artigo aponta como exemplos de dádiva as aprendizagens resultantes de teses que acompanhou, de projetos que realizou e da criatividade que encontrou entre artesãos, cordelistas e repentistas cearenses, fonte de inspiração de algumas de suas pesquisas de pendur artesanal. Na conclusão entreabrem-se horizontes para uma mais vasta problematização sociológica dos trânsitos culturais.

Palavras-chave: trânsitos culturais; cultura popular; criatividade; artesanato intelectual; redes de pesquisa.

Abstract:

Experiences of teaching and research in the social sciences are called for a balance of Portuguese-Brazilian interuniversity exchange, in the course of about two decades. Research as a gift, based on collaborative reciprocity strategies, emerges as a corollary of this exchange. The author of the article points out as examples of donations the learning resulting from the thesis he followed, the projects he carried out and the creativity that he found among craftsmen, cordelistas and repentistas from Ceará, source of inspiration for some of his researches. In the conclusion, there are horizons for a wider sociological problematization of cultural transits.

Keywords: cultural transits; popular culture; creativity; intellectual craftsmanship; research network.

Recebido para publicação em 08/01/2019.

Aceito em 19/02/2019.